



Director literario:

Augusto de Santa Rita
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Juarez Collares
PAPUSSE

DE MARÇANO A MILIONARIO

A VIDA DUM ROCKFELLER

NOVELA INFANTIL

por Augusto de Santa Rita

— Desenhos de Olavo —

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)



FAMILIARISADO com a língua francesa, que falava já correntemente; Roque, ao fim de três anos de se encontrar em Paris, depois de haver sido, sucessivamente, aprendiz no «Comptoir Métallurgique», no Havre, serventário da Casa Hachette e «groom» no Grand' Hotel de la Paix, na capital francesa, tinha agora o mister de vendedor de jornais.

Esperto como um «gayroche», nome por que são conhecidos os irrequietos gaiatos de Paris, o pequeno «ardina» português percorria agora as ruas, praças e «boulevards» da grande capital da França, apregoando com uma admirável pronúncia: — «de Matin, le Dimanche Illustré, la Vie Parisienne! Voilà la Presse!... La Presse!!... L' Illustration!!!»

Farto, porém, de calcuriar o pavimento lustroso, onde a luz dos anúncios luminosos, a cada esquina, os faróis dos autos, e o reflexo dos globos da iluminação pública, feéricamente projectavam, Roque, sempre insaciável de aventura e imprevisão, scismava já em dar à sua vagabunda existência um diverso rumo,

Nova fuga de Roque

Um dia, o acaso conduziu-o ao aerodromo Le Bourget, que, em Paris, corresponde ao nosso campo de aviação em Alverca. No vasto «hangar», entre uma série de pequenos

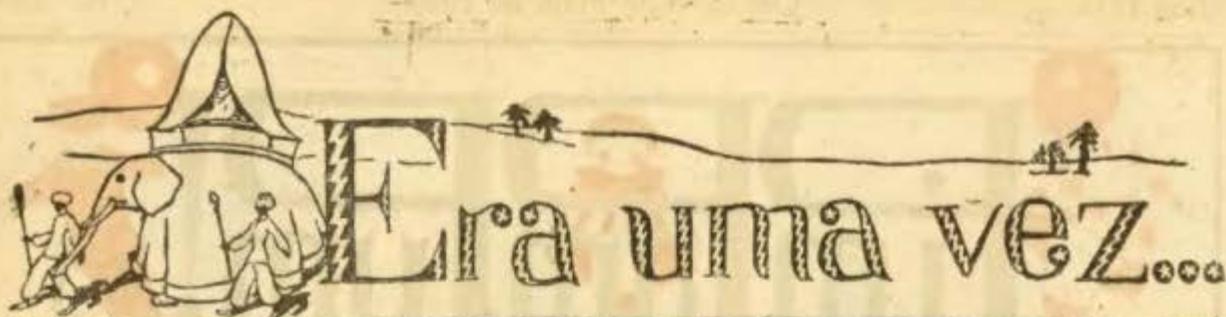
aeroplanos, como aves enormes de azas abertas, um grande avião se destacava com um letreiro em cujo dístico se ostentavam, ligadas por um traço de união, as duas palavras: — PARIS-LONDRES.

Informado de que a grande aeronave servia de transporte a passageiros com destino à capital inglesa, começou a magoar na maneira engenhosa de, clandestinamente, fazer também a apetecível viagem.

Assistiu ao embarque dos passageiros, à recolha das bagagens a bordo do aparelho, após retiradas dum pequeno depósito denominado: — «Consigne» — (uma casinha expres-

(Continua na página 4).





SALVA DA MORTE CAMINHO DA VIDA

Por CRISALIDA AMOR

Desenho de OLAVO



ESTAMOS no verão. Num dos lindíssimos dias do mês de Agosto. A praia está animadíssima. Um estudante com a sua capa pendente dos ombros, e, esvoaçando ao vento, passeia dum ao outro lado da praia. Cansado de passear, senta-se junto de sua mãe, examinando curiosamente todos os ba-

nhistas. De repente atraí-lhe a atenção um vulto de mulher que caminha lentamente. É uma rapariguita duns dezasseis anos, morena, com os cabelos em desalinho, o fato esfarrapado e que, envergonhada, estende humildemente a mão à caridade. Nesse dia a sorte não a favorece, sendo-lhe negada a esmola que suplica e censurada por não trabalhar. Então a pobrezinha num momento de visível desespero, dirige-se para um dos mais solitários lados da praia e, aí, tenta suicidar-se. Porém, no momento em que a desventurada, levantava os seus meigos olhos para o Céu, implorando o perdão do Bom Deus, uma fortíssima mão a agarra e uma meiga voz lhe diz: — Que faz, menina? Devemos ter sempre esperança em Deus. Não devemos nunca desanimar, nem procurarmos a morte por nossas mãos. O salvador da pobrezita era o estudante, um bondoso rapaz que, pressentindo que aquela desventurada ia procurar refúgio na morte, correu a salvá-la. A pobrezinha caiu no chão, num choro convulso. Leonardo (assim se chamava o estudante) sentou-se junto dela envolvendo-a num terninho e compassivo olhar.

Refazendo-se da comoção, a mendiga agradece ao seu salvador e, sorrindo tristemente, fala do seguinte modo: — Certamente que fazeis da minha pessoa um juízo pouco favorável, mas vou contar-vos a minha história, convencida que tereis dó de mim, encontrando talvez em vós lenitivo para as minhas máguas. — Sou orfã de pai e mãe. Fui

criada e educada por uma tia, que há oito dias faleceu, vitimada, subitamente, por uma terrível doença. Daí a três dias, meu tio pôs-me na rua, negando-me a herança que meus Pais me deixaram. Durante estes dois dias, passei privações que já-mais me esquecerão. Agora receando andar sózinha neste horrível mundo, resolvi pôr termo à existência, mas nem mesmo nisto tive sorte. Oh! Meu Deus, para que me deixais sózinha no mundo?!...



— Sózinha, não. Já não está só; tem-me aqui a seu lado, pronto a defendê-la e a aconselhá-la, isto é, se mo permitir.

— Qual o conselho, senhor? perguntou anciadamente a mendiga.

— Só no casamento achará amparo; portanto, devia procurar um noivo. Estou certo que o seu seductor e meigo olhar não passa despercebido...

— Por Deus, senhor, não manguê... quem levantará os olhos para a minha humilde pessoa?!...

— Não é tanto assim. Afirmo-lhe que tem junto a si quem já a ama apaixonadamente. Suplico-lhe que não duvide da sinceridade das minhas palavras e que me conceda um momento de atenção. Não imagina a impressão que me causou desde o primeiro momento em que a vi. Apesar de estar tão humildemente trajada, não deixa de transparecer em si maneiras distintas, isto é, maneiras de uma pessoa de educação, que despertaram em mim uma veemente simpatia que depois de me haver contado a sua história, se transformou em amor. Oh! Se quizesse tornar-me feliz, quanto lhe agradeceria! Sou solteiro e estou prestes a terminar os meus estudos. Se simpatizasse comigo, poderíamos, se Deus quizesse, ser felizes. Não julgue que lhe exijo a recompensa de lhe ter salvo a vida, não? Mas creia que realmente as minhas intenções são boas. Peço-lhe que me fale francamente e desculpe-me se as minhas palavras a ofenderam, sim?

O pobre rapaz, ao terminar estas palavras, encostou a cabeça às mãos e duas lágrimas lhe rolaram pelas faces. Era sincero.

Eugénia (era o nome da pòbrezita) aproximou-se do estudante e, envolvendo-o num terno abraço, diz-lhe: — Oh! como é bom; salva-me da morte e oferece-me uma segunda vida! Serei pois sua noiva... Creia que o amor, tendo por base um sen-

timento como o da gratidão é eterno e verdadeiro.

— Minha querida noiva! Muito breve verá que falo sinceramente.

Durante este diálogo, alguém os escudou e neste momento aproximando-se dêles, lhes disse: — O que significa isto?...

— Meus queridos pais! Ainda bem que vieram ter comigo! Peço-lhes permissão para lhes apresentar a minha noiva e suplico-vos que consentis na nossa união que me tornará um dos mais felizes mortais! Depende de vós a minha felicidade.

— Meu filho se prevês a felicidade, como to havemos de proibir? Como tens sido sempre bem comportado, ainda te não recusámos nada. No entanto; gostaríamos de saber como foi que se conheceram e quem é esta menina.

Eugénia contou a impressionante história da sua vida, a qual muito comoveu os bondosos pais de Leonardo, que, abraçando a menina, lhe disseram meigamente: — Minha querida filha!! Esta frase era o consentimento em forma.

Leonardo e Eugénia casaram-se e foram felicíssimos. Para completar esta felicidade teem já uma filhita que é mesmo um anjinho.

Andando êles a passear com a filhinha, dirigiu-se-lhes um mendigo, com o fato todo esfiarrapado, pedindo-lhes esmola. Causou impressão a Eugénia o mendigo e, afirmando-se, reconheceu o tia. Esquecendo o que lhe fizera passar, abraçou meigamente o pobre velhinho que, reconhecendo também a sobrinha, lhe caiu aos pés, pedindo-lhe perdão. Vendo o pobre tio tão arrependido, os felizes esposos levaram-no para sua casa onde o tratam muito bem.

O perdão é o mais suave e nobre castigo.

■ F I M ■

CORRESPONDENCIA

Clemente A. M. Gama—Estão muito simples os seus desenhos, senão publicavam-se. Faze outros. Valeu?

Antonio pos Reis—Com 12 anos já deverias fazer desenhos melhores. Assim não prestam. Tem paciencia.

Arlette Maria Caldeira Costa—Explendidos os teus desenhos principalmente as figuras. Continúa pois estão muito dignos de publicação. Um grande abraço e parabens.

Antonio Gonçalves da Silva, Alice o Armando Duarte Rebelo, Natalia Carrapatoso Duque, Joaquim Carlos Farinha, Humberto Pinho de Almeida Ilda Gloria de Almeida—Os vossos desenhos estão feitos num traço muito fino pelo que não podem ser publicados.

Maria Luiza e Pedro Leal de Almeida—Grandes constructores navais! Os vosso desenhos vão para a bicha.

O meu nome é... só TROTÓNIO.

É pequenino e diz-se com mais facilidade.

Elias Parda—Não copies dos livros. Desenha de memoria ou do natural. Gostei da tua franqueza dizendo ser copiado, mas só o do teu irmão Joaquim é que estaria nas condições se fosse feito em papel sem linhas.

Um aperto de mão a ambos.

■ ANEDOTAS ■

Entre amigos:

—Que idade tem você, José?

—Tenho trinta e cinco anos, e você?

—Tenho quarenta. Sou mais velho.

—Agora é; mas daqui a cinco anos teremos ambos a mesma idade.

Dois cegos à porta de uma igreja:

—Com que então, a tua filha vai casar?

—Vai, sim; e com um bom rapaz.

—Já tomaste informações dêle?

—Não; mas fez-me boa impressão logo à primeira vista.

Um avô ao neto:

—Quantos prémios tiveste este ano?

—Menos um que o ano passado.

—E quantos tiveste o ano passado?

—Um.

Alexandre José Ferreira.

De marçano a milionário

(Continuado da página 1)

samente construída para tal fim, onde, com antecedência de algumas horas, eram colocadas as malas mais volumosas— e, já com a sua fígada, passados oito dias, voltou ao mesmo local.

Na véspera do dia em que o avião devia largar o voo, Roque, ao entardecer, assistiu à chegada da bagagem dos novos passageiros. Iludindo a vigilância dos guardas, conseguiu introduzir na «Consigne» uma mala vasia, que os encarregados supuzeram cheia pelo simulado esforço que Roque manifestava ao conduzi-la, supondo-a pertença de algum passageiro.

A mala trazia uns ventiladores, disfarçados, no rebordo da base e uma fechadura interior. Uma vez colocada por Roque na «Consigne», propositadamente na ocasião em que ninguém mais se encontrava nela, Roque meteu-se dentro, fechou-se à chave e... adormeceu.

Doze horas após, despertou ao baque de uma porta que se abria e duns passos que se aproximavam. Três minutos depois, sentiu-se conduzido às costas de alguém, que exclamava, bufando:—«ouf, que cette valise est lourde!» o que em português significa:—«Safa, que esta mala é pesada!»

Mais dois minutos decorridos, compreendeu que se encontrava já de dentro do grande avião, cujo movimento ruidoso das hélices, deu claramente a perceber a Roque, encalhido na mala, o ansioso momento da partida.

Duas horas depois, Roque teve a nítida sensação da chegada. Sentiu-se novamente conduzido às costas e transportado... nem ele sabia para onde!

Ouviu um ruído de exclamações, a maioria das quais ele não compreendeu, pelo facto de serem proferidas em inglês, mas, volvidas mais algumas horas, sentiu fechar-se uma porta e fez-se, em volta do seu esconderijo, um absoluto silêncio. Roque aproveitou, então, o propício ensejo para sair da mala e poder certificar-se, enfim, do local em que se encontrava agora. Era uma «Consigne», semelhante àquela onde, horas antes, se introduzira. Por dois estreitos postigos, aos lados da porta, pôde espreitar. Era um novo «hangar», a meio do qual, e a certa distância, três homens de «bonet» de pala conversavam, entre uma série de pequenos aviões e do grande avião que o conduzia.

Teve a consciência do risco que correria, tentando imediatamente a fuga. Resolveu, portanto, esperar que tombasse a tarde, se fizesse a noite, e, sentindo um grande apetite, pôs-se a devorar uma quantidade de «sandwiches», que, providentemente, trouxera consigo, num cantinho da mala. Em tanto anoiteceu. Uma neblina espessa, o tradicional nevoeiro de Londres, pouco mais deixava ver as coisas do que um palmo adiante do nariz. Deviam ser já nove ou dez horas da noite, quando se dispôs a fugir. Tentou abrir a porta, que um grosso trinco de fechadura tornava inviolável e, ante uma tal absoluta impossibilidade, resolveu escalar-se pelo pequeno postigo que um corpo de homem por forma alguma poderia atravessar. Mas Roque, criança ainda, com treze anos apenas, magro como era, conseguiu, embora com certa dificuldade, abrindo o caixilho de vidro, atravessar e saltar o pequenino postigo.

Estava, finalmente, de novo em liberdade!

Esmeraldinha, professora de Vasco

Havia já dois meses que, no Grande Orfanato de Souzela, após internato de seis anos, Esmeraldinha concluíra a sua educação. Saíra antes da sua maioridade, devido ao seu adiantamento e à precocidade da sua inteligência. Duma beleza invulgar, os seus loiros cabelos, os seus olhos dum translúcido azul, o seu sorriso ingénuo e a sua expressão de uma doçura suavíssima, faziam lembrar as angelicais imagens de

certos frescos que D. Viviana observava atenta em suas peregrinações de estudo, através dos principais museus de Espanha, de França, de Itália e de Londres.

De tal maneira D. Viviana se lhe afeiçoara que, mal a soube com seus estudos concluídos, lhe pediu para se encarregar da educação de Vasco, o querido neto de dez anos apenas, com o único intuito de a conservar a seu lado.





As dezasseis radiosas primaveras que aureolavam de graça Esmeraldinha, eram agora constantemente saudadas, em casa de D. Viviana, por seus moradores, em quotidianos bons dias e boas noites, plenos de simpatia.

Entanto, nostálgicos da vida movimentada de Lisboa, de cujo ambiente já não participavam há quasi doze anos, os viscondes de Souza resolveram regressar à vida antiga, retomando a casa de Lisboa, um palacete às Chagas, fechada desde então. Convencida D. Viviana a deixar, por algum tempo, o directo governo das suas instituições beneméritas, sem contudo delas se desinteressar, ei-los, agora, caminho de Lisboa, numa primeira classe do «Sud-express», em companhia de Vasco e Esmeraldinha que nunca saíra de Souza.

Porque era a primeira vez que se afastava do modesto cantinho em que nascera, «Mademoiselle» Esmeralda, como a tratavam agora os pais e a avózinha de Vasco, observava tudo com estranheza. A sua chegada à estação do Rossio, causou-lhe uma profunda impressão. O movimento da praça e o ruído dos automóveis e dos carros eléctricos, quasi a entonteciam.

Todavia, foi-se habituando, pouco a pouco, e, agora, ao chegar à janela do confortavel e luxuoso palacete às Chagas, onde se haviam hospedado, com ela e Vasquinho, D. Viviana e os Senhores Viscondes, já Esmeraldinha lastimava

que os carros eléctricos não passassem à porta. Já saía sózinha, já conhecia as principais ruas de Lisboa e, cada vez mais, sentia uma áncia enorme de viver.

Regresso a Portugal

Roque, ao fim de três anos de uma vida acidentada em Londres, onde apenas lucrara o conhecimento da língua inglesa, que falava já correntemente, resolveu regressar a Portugal.

Porém, agora, mais atilado, a bordo dum grande paquete, através do Atlântico, munido do respectivo bilhete, que comprara com o produto de umas economias, já sem desejo de loucas aventuras, pensando como um homemzinho que era, vinha disposto a trabalhar a sério.

Começava a sentir a aspiração de chegar ainda a ser rico, para um dia cumprir a promessa feita a Esmeraldinha, de quem tanta vez se recordava saudoso, libertando-a do cativeiro em que a retinha, por certo — (pensava Roque) — o odioso Ti Malaquias.

E, assim scismando, no tombadilho do barco, em linda noite de junho, sob um céu constelado, Roque demandava agora o litoral português, em direcção do Tejo, cujo farol da Barra, tremeluzido, a distância, semelhava um rubi.

CONTINUA

—:— NO —:—

PRÓXIMO NÚMERO

FÁBULA

POESIA
E
DESENHOS
POR

Olavo d'Eça Leal



UM dia o «Manel» Maria, --mais bronco do que uma porta,-- quiz ver se compreendia porque diabo seria que êle cheirava tão mal e a salsa da sua horta e as rosas do seu quintal cheiravam muito melhor!

MAS depois de meditar, teimosamente, casmurro até mais não poder ser, teve medo de morrer, pois sabia que a pensar já tinha morrido um burro.

NISTO, entretanto, começa a chover de tal maneira, que êle viu logo ser essa a razão por que a roseira não cheirava nada mal,

ERA água que faltava aos pés do «Manel» Maria, E ali mesmo no quintal os compridos pés lavava com a chuva que caía.



FIM

HORA do RECREIO

PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	O		B	A	L	C	A	O		M
2	P		A	N	A			L	I	D
3	A	S	N	O		P	A	R	A	R
4			A		M	I	R	A		I
5	E		N	I	C	A		R	I	O
6	M	V	A	R		R				L
7	A		S	A	L		M	E	S	A

HORISONTAIS

- 1—artigo, mesa oblonga, consoante.
- 2—consoante, nome feminino, trabalho.
- 3—ignorante, suspender.
- 4—artigo, intuito, vogal.
- 5—vogal, bagatela, curso de água.
- 6—mula, consoante, consoante.
- 7—artigo, tempero, banca.

VERTICAIS

- 1—capa, nome de mulher.
- 2—consoante, vogal.
- 3—fruto no plural.
- 4—divisão de tempo, fúria.
- 5—nota musical, duas consoantes, consoante.
- 6—consoante, dar pios.
- 7—lçar, consoante.
- 8—ter tonturas de cabeça, vogal.
- 9—contracção da prep. de, com o artigo a, vogal, consoante.
- 10—patife.

PARA OS MENINOS COLORIREM



Era uma vez...

Por Jorge Ramos

Desenho de Olavo



ERA uma vez uma rosa
pequenina e perfumada,
altiva, esbelta, formosa,
tão delicada e mimosa,
como a flor mais delicada!

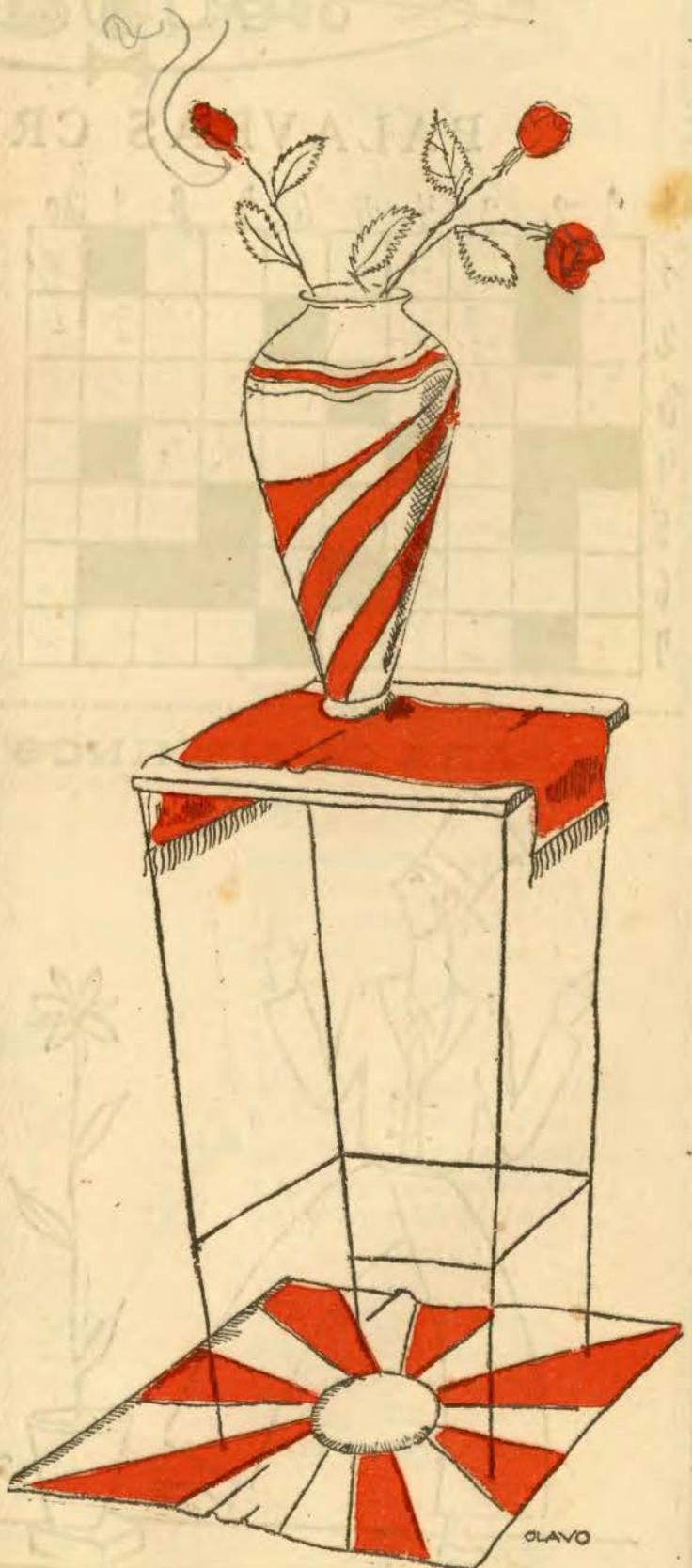
Um dia o jarrão da China
onde a puzeram com graça,
disse-lhe, irado: — «Menina,
tens a vida pequenina
duma flusão que esvoaça...»

«Como vês, sou deslumbrante,
tenho dragões de mil côres
na porcelana elegante!
És tão insignificante
ao lado destes fulgôres!

«E sendo assim, eu não sei
para quê tanta vaidade!
Tu és escrava. Sou rei,
Tu morres. Eu viverei
até à eternidade!...»

A rosa ficou chorando
e tanta mágua lhe deu
o tal jarrão miserando,
que, nessa noite, sonhando,
perfumou... sorriu... — morreu...

Mas de manhã a criada,
ao segurar no jarrão,
alirou-o, descuidada,
em mil pedaços ao chão...



F i m